

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 06 – 2009, JUNHO
Assinatura até 31.12.09: 09 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Por Dios que cansa tanto poeŕtn que su dolor de hormiga al Universo incalculable cuenta. –
¿Qué al mar, qué a los pilares de alabastro que sustentan la tierra, qué a las cumbres que echan el hombre al cielo, qué a la mole azul que enrubia el Sol, qué al orbe puro donde se extingue en pensamiento el hombre

José Julián Martí 1853-1895, Por Dios que cansa, Versos Libres, José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Nada soñaba y nada apetecía que de ti no viniese y no me hablase, te amé, y el que otro ser también te amase cosa absurda demás me parecía.

Estrella más brillante no veía que en la vida los pasos me guiase, tenía fe soñando que encontrase tras de tanta amargura una alegría.

Y tan pronto extinguieste este risueño, este encantado y delicioso engaño, que en ninguna ilusión pondré mi empeño.

Vi que es el tuyo pecho esquivo, huraño: subí hasta él, como de sueño en sueño, volví de desengaño en desengaño.

Adelino Fontoura 1859-1884, Atracción y Repusión

Por veinte años en la entraña obscura mi ruda maldición dejé dormir; hoy, cansada y exhausta de amargura, mi alma como un volcán se quiere abrir.

Y en torrentes de cólera y locura sobre tus sienas dejaré sentir, veinte años de silencio y de tortura sufridos en la angustia de vivir.

Maldita tú, por mi ideal perdido, por el mal que me hiciste sin querer ¡por mi amor muerto sin haber nacido!

Por las horas vividas sin placer... ¡Por el agobio de lo que yo he sido y el esplendor de lo que pude ser!

Olavo Bilac 1865-1918, Maldición

Imagina: tu vas – es corto el viaje – y de repente ves en la tortuosa carretera, junto a la mata umbrosa, alguien dormido en medio del paisaje.

Alguien cuya fatiga sudorosa cedió al sueño, y en sombras del ramaje exhausto duerme. ¿Tú tendrías coraje de despertarlo, mi adorable hermosa?

Quien duerme olvida. Puede ser medrosa la pesadilla que entre horror nos veja, mas sufre menos quien feliz reposa.

¡Ah! Tu que enciendes a la propia nieve y a las estrellas oscureces, deja mi corazón dormir, y pasa, leve...

Gujimarêns Passos 1867 – 1909, Deja Mi Corazón Dormir

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Para o enlace convidado, só eu sei quanto doeu ver teu nome, lado a lado, de um outro, que não o meu...
Darly O. Barros, 9903
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo, SP

Brasil tem brasa no nome e trabalha sem cessar; é luz que não se consome é chama sempre a brilhar.
Fernando Soares, 0803
O Ubeteano, Caixa Postal 448 14001-970 – Ribeirão Preto, SP

O capitalismo esperto mede tudo pelo pico, pobre daquele desperto para a ambição de ser rico...
Manoel F. Menendez

Feiticeira, de alma nua, eu danço, liberta, ao léu... Sob o feitiço da lua não tem limite o meu céu!
Nádia Huguenin, 0905
Quatro Versos: Rua Santa Marta 70 28633-080 – Nova Friburgo, RJ

“Adeus!” Olhando o teu rosto naquele momento atroz, eu aprendi – com desgosto – que algumas pedras têm voz!
Regina Célia de Andrade, 0905
O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia, CE

O passado é realidade que em minh' alma revive por isso sinto saudades das saudades que já tive.
Valdir Rodrigues, 0904
Binóculo: fone (85) 3279-1752 jbatista@unifor.br

Som entre nuvens – um pássaro de metal tão perto da lua.
Andréa Vasconcelos S

Murmúrio das ondas, no embate contra a murada... Sobe a lua cheia.
Benedita Azevedo RJ

Entre arranha-céus surgindo majestosa lua desta noite.
Clara Sznifer S

Entre ramos de palmeira só um brilho intenso... Lua desta noite.
Fernando M. Braga S

Noite sobre o mar. Súbito, no horizonte desponta a lua...
Guim Ga RJ

Bela lua cheia reflete a luz sobre as águas. Marulhar suave...
Iraí Verdan RJ

Janela do quarto – deslumbrada observo lua desta noite.
Jaíra Presa S

Contemplação da Lua 2009, Rio de Janeiro (RJ), Santos (S) e São Paulo (SP); Gentileza de Benedita Azevedo, Revista Haikai – com Amor, 0905

A lua clareia a praia e os poetas – também os coqueiros.
K. Higa S

Noite no Forte... A lua ilumina as ondas quebrando sobre a pedra.
Lourdes Fontes RJ

Olhos na sacada – atrás dos prédios o brilho da lua que chega.
Mahelen Madureira S

Quando se abre uma nesga aparece a lua!
Nelson Savioli RJ

No frescor da noite o encontro dos poetas lua desta noite.
Regina Alonso S

Teruko Oda SP

TEMAS DA SAZÃO INVERNO – QUIDAIS DE INVERNO



HAICUS EM FOLHA

Goiaba madura e a mordida prazerosa perfumando os lábios... I
Amália Marie Gerda
Cai lenta a garoa... roçando os rostos cansados e orvalhando os corpos... Q
Amália Marie Gerda
Hora do jantar. E a garotinha pedindo suco de goiaba. Q
Analice Feitoza de Lima
Pacientemente, garoa escorregadia regando a roseira. Q
Analice Feitoza de Lima

Goiaba madura, atraiendo os passarinhos, balanço no pé. C
Angélica Villela Santos
Em meio à garoa, o sol de novo aparece. Arco-íris no céu. D
Angélica Villela Santos
Casal no jardim. É Dia dos Namorados, com beijos e flores. I
Angélica Villela Santos
Casal sorridente, de mãos dadas pela rua. Dia dos Namorados. G
Argemira F. Marcondes

Na esquina da praça, o vendedor apregoando: goiaba madura. I
Argemira F. Marcondes
Colado à vidraça um triste rosto infantil. Garoa lá fora... A
Darly O. Barros
No vaso de flor, cartão sem assinatura: Dia dos Namorados... D
Darly O. Barros
Final de verão no ar, cheiro de goiabada doce na panela. I
Denise Cataldi

Começo de outono nas árvores douradas cai leve garoa. I
Denise Cataldi
Volta de viagem o aroma da goiaba infestou a casa. I
Diogo de Lima
Garoa da telha gotejando gota a gota ninando a velha. Q
Diogo de Lima
Tarde muito quente. Cai garoa refrescante; sorrisos de alívio... Q
Djalda Winter Santos

Casais enlaçados. É Dia dos Namorados, promessas de amor... Q
Djalda Winter Santos
Peixe solitário beija o vidro do aquário: Dia dos Namorados. Q
Fabiana Santiago
No pé de goiaba, o canto melodioso de um sabiá. I
Flávio Ferreira da Silva
Juras de amor no Dia dos Namorados. Junto da fogueira. I
Flávio Ferreira da Silva

Carrinho de frutas, rodeado de pessoas – goiabas maduras... A
Iraí Verdan
Um toque romântico no Dia dos Namorados – Bombons de presente!... I
Iraí Verdan
Góticas de água na cabeça do rapaz. Encontro e garoa. Q
Manoel F. Menendez
Passos apressados pelas calçadas molhadas... Garoa caindo. D
Neuza Pommer

Goiaba cortada em fatias sobre a mesa ave vai bicando. Q
Neuza Pommer
Gotas transparentes nos vidros dos automóveis: sobras da garoa. G
Renata Paccola
Comemoração do Dia dos Namorados lota restaurantes. Q
Renata Paccola
Troca de presentes no Dia dos Namorados: comércio agradece. Q
Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste.

O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito **no momento da ocorrência**, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos.

Aguardamos seus trabalhos.

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

✉ Até o dia 30.06.09, enviar até 3 haicus de quigos: Amora, Dia da Secretária (30.09), Sabiá. 🐦
Até o dia 30.07.09, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Ave (05.10), Magnólia, Rã.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

ou

Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP

mfmendez@superig.com.br

Mais vale um haicu enviado do que três na mão! – Não deixe para amanhã, o que puder fazer agora!

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicu cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Crianças tremendo. Rio de inverno gelado. Ninguém quer nadar. Ailson Cardoso de Oliveira	Crianças vestindo pesados agasalhos. Nariz escorrendo. Cecy Tupinambá Ulhôa	Soltando balão, guri transborda alegria. Tipo japonês. Flávio Ferreira da Silva	Balão sobe e some... Meninos de olhos ligados! Um chegando antes!... Leonilda Hilgenberg Justus	Mar revoltoso. Não haverá festa a bordo. Dia da Marinha. Nadyr Leme Ganzert	Praça reformada. Dia do Meio Ambiente. Plantio de árvores. Roberto Resende Vilela	Mutirão festivo da colheita de café: rolam rubros grãos! Shinobo Saiki
---	--	--	--	--	--	---

T R E V O S À M O D A O C I D E N T A L , T R E V O S P E R S O N A G E M E O U T R O S

Gosto do nome a missa é tão bonita Dia de São João. Carlos Roque Barbosa	Busca-pé puxa a mão na noite de São João. Edmilson Felipe	Um eco fiel passeia em vento campeiro da voz de Gardel. Fernando L. A. Soares	Chá quente. Um cobertor amigo noite de inverno. Flávio Velasco	Flor de chá da semente, um aroma quente. Maria Alice Zocchio	Na noite de inverno dormem três amontoados. Solidariedade. Maria Mello	Mamãe nos descreve a colheita de café. Família reunida. Nadyr Leme Ganzert
---	--	--	---	---	---	---

A cama, agora vazia sem teu calor... teu abraço... Parece a fotografia d este abafado que passo! Joaquim Carlos	Quando o amor chega indeciso e se esconde num olhar, há o feitiço de um sorriso que diz tudo sem falar... Paulo Belório Faier	Por nunca ter te tocado por não ser correspondido, eu vou pagando um pecado que nunca foi cometido... Pedro Cleto Martins	Nenhum artista teria, por mais destreza em seu traço, o capricho com que o dia desenha as nuvens no espaço... Sérgio Bernardo	Vem receber meu carinho... Vem acolher meu afeto... ouve este apelo mansinho que não aceita o teu veto. Therezinha Tavares	Não peças perdão agora, não me fites de olhar triste: – Regressa quem foi embora... Tu, daqui, nunca partiste... Yêda Lucimar
--	---	---	---	--	---

Trovas Trovadores de Nova Friburgo www.jogosflorais.com.br – gentileza de Nilton Manoel, em 20.03.09

T E Q U I E R O

Mario Benedetti (14.09.1920-17.05.09 (letra), Albert Fávoro (música), Liliana Cangiano (arranjo).

Ô, Ô, Ô... Si te quiero és porque sos, mi amor, mi cómplice y todo, y en la calle codo a codo, somos mucho más que dos, somos mucho más que dos. Tus manos son mi caricia mis acordes cotidianos. Te quiero porque tu manos trabajan por la justicia! Tu boca que es tuya	y mía tu boca no se equivoca. Te quiero porque tu boca sabe gritar rebeldía. Si te quiero és porque sos mi amor, mi cómplice y todo, y en la calle codo a codo, somos mucho más que dos, somos mucho más que dos y por tu rostro sincero y tu paso vagabundo	y por el llanto del mundo porque sos pueblo te quiero. Te quiero en mi paraíso es decir q'en mi país la gente viva feliz aunque no tenga permiso. Si te quiero es porque sos mi amor, mi cómplice y todo y en la calle codo a codo, somos mucho más que dos	y en la calle codo a codo, somos mucho más que dos. Si te quiero és porque sos mi amor mi amor mi todo, y en la calle codo a codo, somos mucho mas que dos, somos mucho mas que dos. Tus ojos son mi conjuro contra la mala jornada. Te quiero por tu mirada que mira e sembra futuro!	Tu boca que es tuya y mía tu boca no se equivoca te quiero porque tu boca que sabe gritar rebeldía. Si te quiero és porque sos mi amor mi amor mi todo, y en la calle codo a codo somos mucho más que dos somos mucho más que dos y porque amor no es áureo la mi cándida moraleja y porque somos pareja	que sabe no esta sola. Te quiero en mi paraíso es decir q'en mi paraíso la gente viva feliz viva aunque no tenga permiso. Si te quiero es porque sos mi amor, mi todo y en la calle codo a codo, somos mucho más que dos, y en la calle codo a codo somos mucho más que dos, mas que dos.
--	--	--	---	---	--

Rodrigo caminhava a passos lentos, já quase sem forças, vento encanado, frio e cortante no sentido contrário, quase o levava de volta ao ponto de partida. Já era alta noite e havia muito pouco movimento naquela famosa avenida, apenas “os de rua” como seus companheiros de rua diziam, perambulavam. O céu fechado e a ameaça de uma chuva de lavar a alma eram a indicação clara de que deveria procurar um abrigo rápido. Pensou que talvez não conseguisse chegar ao seu “canto” de tantas noites, já que não havia conseguido comer nada há dois dias, estava cansado de fraqueza e a fome e o vazio em seu estômago eram tão grandes quanto a esperança que lhe faltava.

Rodrigo ha muito já não sabia o que era ter uma boa refeição, roupas limpas, carinho e uma boa noite de sono. No começo sentia falta, depois evitava pensar nisso concentrando-se em sua sobrevivência, agora os fragmentos dessas sensações e lembranças já eram sonhos que tivera um dia e já não sabia se tinham sido reais ou não. Depois da trágica morte de sua esposa, num acidente de automóvel, Rodrigo enlouqueceu. O jovem motorista do outro veículo fugiu omitindo socorro, mas foi reconhecido mais tarde, porém

como era filho de um empresário muito poderoso, nunca foi condenado. Entretanto o que mais lhe corroia a alma não era a impunidade e sim a impossibilidade de salvar sua esposa, vendo-a morrer sem socorro em seus braços. Entristecido e amargurado largou tudo: emprego, amigos, família, nunca conseguiu se conformar, algumas vezes era encontrado por amigos vagando bêbado pelas ruas, sem destino e era levado para casa, outras não, um dia saiu de casa e nunca mais voltou. Desde então adotou o viver de mendigo sem mesmo perceber o que estava lhe acontecendo.

A chuva gelada de inverno já caía implacável quando ele chegou à esquina de uma das transversais da avenida, avistou a escadaria de um banco e ao lado dela um pequeno porão guardado por uma portinhola de madeira. Aproximou-se e foi entrando, rastejando como bicho. Para sua surpresa o local já estava lotado, duas pessoas se apertavam num lugar onde somente uma criança caberia. Rodrigo, chateou-se, pensou que aquele lar era seu; seu quarto, sua cama, não poderiam estar ali. Esboçou uma reclamação e tentou dizer algo, foi quando sentiu uma pontada de dor na cabeça, logo em seguida outra. Sem saber exatamente o que estava acontecendo resolveu sair

Ricardo Quintas, Pano de Chão

dali. Rastejou para fora o mais rápido que pôde, levantou-se e saiu correndo, trôpego, atravessou a primeira parte da avenida e parou no canteiro, olhou para trás e viu que seus inimigos não o perseguiam. Respirou ofegante e sentou-se encostando no poste de iluminação. Foi quando sentiu uma estranha dormência no local da dor, colocou a mão na cabeça e viu o sangue, estava cortado em dois lugares. Suspirou, olhou para os lados, não via ninguém, nada, perguntou-se mentalmente por que tudo isso estava acontecendo em sua vida, porque não podia mais ser feliz, porque o destino o castigava assim. Pegou a única suja e amarrotada foto de sua família e chorou ainda mais. Sentiu-se incapaz, um verme, um monte de nada. Respirou fundo, e tirou um pedaço da roupa que vestia e colocou-o como uma faixa na cabeça para tentar estancar o sangramento.

A chuva apertara. Rodrigo desolado sentia-se fraco e impotente diante das adversidades da sua vida. Pensou que se ficasse muito tempo ali, molhado, ficaria doente e provavelmente morreria. Achou bom, há tempos pensava nessa hipótese para a solução de seus problemas. Fechou os olhos e tentou desligar-se.

Um veículo aproximou-se vagarosamente,

quatro integrantes, som alto, gargalhadas, uma corda. Rodrigo acordou assustado, viu o veículo, sentiu um arripio na espinha e tentou levantar-se para fugir, mas era muito tarde, nesse momento foi abruptamente puxado pelo tornozelo, e sentiu o asfalto comer suas costas e nádegas, soltou um grito de dor e ouviu um dos garotos gritar:

– Vamos esfregar a cidade com você, seu pano de chão!!!!

Rodrigo foi arrastado uns cem metros. Já não sentia mais seus ferimentos, abriu os olhos e viu o garoto descer do carro, chutá-lo, soltar a corda de seus pés, sorrir e dizer algo. Nesse momento sua memória foi perfeita, reconheceu aquela fisionomia, era o mesmo garoto do acidente que vitimou sua família anos atrás. Tentou dizer-lhe algo, mas ele entrou no carro e arrancaram em alta velocidade. Rodrigo sentiu faltar-lhe as forças e teve certeza de que seu sofrimento estava para acabar, encostou a cabeça no asfalto e fechou os olhos. Nesse instante, sentiu um beijo em sua face, um passar de mão carinhoso em seu rosto, um carinho que não sentia há muito tempo, abriu os olhos e não acreditou, sorriu, levantou-se e foi caminhando, leve, de mãos dadas com ela para uma nova chance.

Quando eu voltar para casa,
reconhecerei o caminho pelas estrelas,
pois só elas conhecem o rumo exato do coração.

Quando eu voltar para casa,
subirei secretamente a escada da frente,
para que cada tijolo me reconheça,
e abrirei com cuidado o portão,
para que o ranger dos velhos gonzos não me denuncie.

Quando eu voltar para casa,
atravessarei em silêncio a varanda
e, pela porta entreaberta, descansarei um instante,
a ouvir a canção de minha mãe sobre as costuras.
Depois, no calor da cozinha,
sentarei sobre o banco da lenha que parti,
a meditar, pela janela, a plantação.

Quando eu voltar para casa,
encontrarei meu pai ao pé do rádio
herdado ao próprio pai,
refazendo a cada dia seus planos de solidão.
E, na encruzilhada dos quintais,
meus irmãos me encomendarão desenhos de castelos
e povoarão as terras e os desertos
que não pisarão jamais.

Quando eu voltar para casa,
pedirei licença à morte
e revolverei sob a cama do quarto mais secreto
minhas caixas de papel e meus velhos cadernos
onde, com alguma sorte,
passarei todo o inverno
a procurar meu coração.

Sonia Wendt Nabarro, Retorno

Num local já distante do povoado,
uma manha de sol ali nascia.
No belo e claro campo tão cuidado,
o trigal cultivado amanhecia.

No campo muito extenso bem plantado,
uma árvore florida e única havia.
Cansado, em sua sombra acomodado,
uma brisa de vento me acolhia.

E de repente, pelos bastidores,
foram surgindo vários lenhadores.
Triste árvore... Infeliz a sua sina...

Vi a planície assim ser implantada
depois da árvore ter sido cortada
na transição do campo pra campina.

Abílio Kac, Transição no Campo

A carta que se espera e que demora...
A frase que ficou no pensamento...
O olhar com que sonhamos noite fora...
e o gesto, que foi sonho de momento...

A lagrima de angústia, que se chora...
O medo de um possível rompimento...
O afago, que nos cora e nos descora...
e a dor de imaginário esquecimento,
são todos estes nadas, afinal,
que formam cada vida de mulher
e dão a conhecer o bem e mal:

– o bem do santo ardor de bem-querer;
o mal de se querer com amor tal,
que a própria morte o não fará morrer!

Cacilda Celso, Amor Eterno

Antologia de Contos e Poesias da Associação de Escritores de Bragança Paulista – Ases (coord.) Piracicaba – SP, 2002 www.asesbp.com.br – Gentileza de Walma da Costa Barros

Havia em tempos uma mulher tão teimosa, que por birra, meteu-se a uma ribeira, que levava muita água, e não dava passagem. Caiu na ribeira, e morreu afogada. No dia seguinte andou o marido em procura do cadáver da mulher; em vez, porém, de seguir leito da ribeira, acompanhando o curso da

da água, ele procurou o cadáver pela ribeira acima. – *Procura mal o cadáver*, – disse um compadre – *pois é natural encontrá-lo lá em baixo. – Não, compadre, a minha mulher era muito teimosa e mesmo depois de morta é capaz de caminhar contra a maré.*

Luís da Câmara Cascudo, Os Melhores Contos Populares de Portugal, A Mulher Teimosa, facécia; Coleção Prestígio; Edições de Ouro – Editora Tecnoprint S/A

